

*FAIRE FACE*  
A INFELICIDADE:  
A INFLUENCIA  
DO NEO ESTOICISMO  
DE ADAM SMITH  
EM WALTER SCOTT

Fiona McIntosh-Varjabédian  
Université de Lille

Tradução de Sara Farias Da Silva  
Paula do Nascimento Marques

A comunicação que será apresentada resulta, parcialmente, de trabalhos sobre a representação do acaso realizada no âmbito do projeto ALEA, apoiado pela *Agence Nationale de la Recherche* (ANR).

Iremos nos concentrar em uma categoria particular de acaso, a saber, as vicissitudes que a tradição associa à fortuna (*fortunae vicissitudines*). É um termo que deve ser compreendido pelo leitor sendo, segundo o dicionário do Centro Nacional de Recursos Textuais e Lexicais, uma "sucessão de eventos felizes e infelizes que se alternam ao longo da vida" e mais particularmente como "eventos infelizes, [as] provações<sup>1</sup>", que acabam com a felicidade e que testemunham a instabilidade da condição humana e de sua contingência.

A relação com os perigos nas intrigas românticas de Walter Scott permanece mais marcada por uma antiga herança e sua reinterpretação na filosofia escocesa da segunda metade do século XVIII do que pelos desenvolvimentos matemáticos do mesmo período. A representação da história de Scott não é de forma alguma influenciada por um tipo de discurso que ganhará importância durante o século XIX, a saber, que é possível reduzir a parte do acaso por meio de um cálculo, de tipo probabilístico ou estatístico, e aparentemente dentro da história os comportamentos individuais são estritamente determinados por padrões coletivos.

Isso não quer dizer que não existam tipos sociais que aparecem no *Waverley Novels*, mas que esses tipos não permitem explicar a ação dos personagens e que, nas decisões individuais, há uma parte irreduzível. Escolhas decisivas, ainda que essas escolhas, como mostraremos, às vezes têm pouco a ver com isso. Scott, e Smith antes dele, basicamente concordam com a definição de Plutarco de uma vida boa em *La Conscience tranquille*<sup>2</sup>:

---

<sup>1</sup> <https://www.cnrtl.fr/definition/vicissitudes>

<sup>2</sup> Plutarco, *La Conscience tranquille*, traduzido do grego por Myrto Gondicas, Paris, Arléa, 1991, p. 18.

Platon a comparé notre vie à un jeu de dés où il faut, bien sûr, faire de bons coups mais aussi savoir tirer parti de ce qui nous échoit<sup>3</sup>

Isto é, infelicidade e felicidade, porém com a ênfase que se dá aos infortúnios por serem os mais reveladores da capacidade de (ou não) apreender, na melhor das hipóteses, o que está acontecendo. Além disso, embora seus romances sejam colocados em um quadro de eventos coletivos, o da História (com um grande H maiúsculo), Scott está interessado nos destinos individuais e na maneira como as vidas dos indivíduos são desenhadas por eventos externos contingentes e de como os personagens respondem a eles por meio de suas escolhas éticas.

Para compreender a linha de raciocínio de Walter Scott, faz-se necessário voltar à segunda metade do século 18 e ao texto de Adam Smith, *The Theory of Moral Sentiments* (1759). O contexto revolucionário, e certamente não é coincidência, trouxe-o de volta à moda na Europa graças à tradução de Sophie de Grouchy, reeditada na França até 1860. A retradução alemã de Ludwig Gotthard Kosegarten em 1791<sup>4</sup> também testemunha um renascimento significativo de interesse neste texto. Após os eventos políticos de 1789 e a instabilidade que se seguiu, percebe-se um renascimento que também é confirmado pelas reedições britânicas de Dugald Stewart em 1795 e 1799. Seria inútil desenvolver aqui o que o pensamento moral liberal do século XIX deve a Smith e à filosofia escocesa da segunda metade do século XVIII<sup>5</sup>, tão óbvia é a filiação. Iremos demonstrar como Smith desenvolveu um arcabouço ético que pode ser rapidamente descrito como neo-estóico baseado na força moral, veremos em um segundo momento como o romancista o aplicou por meio de seus enredos.

Se Smith foi relido no final do século XX à luz das teorias do jogo<sup>6</sup>, o que o torna verdadeiramente exemplar para a compreensão da relação moral com o acaso é a maneira como as referências à Fortuna ou ao infortúnio saturam as primeiras páginas da *La Théorie des sentiments moraux*, tornando o ensaio uma reflexão ampla sobre a relação entre o homem e a contingência. Na verdade, por este termo, *Fortune*, complementado por *misfortune* (infortune) ou pelo verbo *befall* (acontecer) que se refere ao que acontece, Smith designa as vicissitudes da existência que os sujeitos sofrem. Este seria o destino comum da humanidade (*calamities to which the condition of mortality exposes mankind*<sup>7</sup>) e é por essa vivência comum à condição humana que se podem instalar fenômenos de simpatia entre quem sofre e quem mais assiste ou menos diretamente às privações sofridas. Embora na evocação das *circumstances*<sup>8</sup> e nas múltiplas possibilidades previstas, o pensamento de Smith seja uma forma de casuística, seu interesse está menos voltado para a variedade de infortúnios que podem surgir e mais para as reações que esses infortúnios provocam.

If the mere appearances of grief or joy inspire us with some level of the like emotions, it is because they suggest to us the general idea of some *good or bad fortune* that has *befallen* the person in whom we observe them; and in these passions this is sufficient to have some little influence on us. The effects of grief and joy terminate in the person who feels those emotions, of which the expressions do not, like those of resentment, suggest to us the idea of any other person for whom we are concerned and whose interests are opposite to his. The general idea of *good or bad fortune*, therefore, creates some concern for the person who has met with it, but the general idea of

<sup>3</sup> Tradução Nossa. "Platão comparou nossa vida a um jogo de dados em que devemos, é claro, fazer bons movimentos, mas também saber aproveitar o que nos cabe."

<sup>4</sup> Traduzido para o francês pela primeira vez em 1764 sob o título de *Métaphysique de l'âme, ou Théorie des sentiments moraux* por Marc-Antoine Eidous) Paris (Briasson, 1764), o texto teve uma segunda tradução *Théorie des sentiments moraux* em 1774 por l'Abbé Blavet e finalmente um terceiro, *Théorie des sentiments moraux ou Essai analytique sur les principes des jugemens que portent naturellement les hommes ... suivi d'une dissertation sur l'origine des langues ... Huit lettres sur la sympathie* traduzidas por Sophie de Grouchy ou Mme de Condorcet) em 1798. Em alemão, conhecemos duas traduções: a primeira *Theorie der moralischen Empfindungen* Nach der dritten Englischen Ausgabe foi traduzida por Braunschweig Meyer em 1770, outra edição e tradução *Theorie der sittlichen Gefühle*, foi traduzida e comentada por Ludwig Gotthard Kosegarten, (Leipzig: Gräffsche Buchhandlung), em 1791 e reeditado várias vezes durante esta década.

<sup>5</sup> Ver especialmente Archie Brown, « Adam Smith's Psychological and Political Thought Insight: The Theory of Moral Sentiments », *Social Research: An International Quarterly*, vol. 85, 3, fall 2018, p. 541-555. Jerry Evensky, "Adam Smith's "Theory of Moral Sentiments": On Morals and Why They Matter to a Liberal Society of Free People and Free Markets", *The Journal of Economic Perspectives*, Summer, 2005, Vol. 19, No. 3 (Summer, 2005), p. 109-130. <https://www.jstor.org/stable/4134975>

<sup>6</sup> Ver Stephen J. Meardon, Andreas Ortmann, « Self-command in Adam Smith's Theory of Moral Sentiments. A Game-Theoretic Reinterpretation », *Rationality and Society* 8 (1), 1996, p? 57-80.

<sup>7</sup> Adam Smith, *Theory of Moral Sentiments*, éd. D. D. Raphael, A. L. Macfie, Oxford, Clarendon Press: Part I Of the Propriety of Action, Section I Of the Sense of Propriety chap. I Of Sympathy, § 11, p. 12.

<sup>8</sup> Ver especialmente *ibid.*, § 13, p. 12.

provocation arouses no sympathy with the anger of the man who has received it<sup>9</sup>.

O Escocês divide o comportamento em duas categorias: aqueles que despertam simpatia e decorrem dos perigos e aqueles que não criam esse tipo de comunhão. Este peso das contingências sobre a existência humana - que é constantemente jogado à mercê do destino nas relações sociais - é limitado, de certa forma, pela reação do espectador que deve responder a um ideal de conveniência moral e adequação da emoção (*Sense of Propriety*). É na adequação do sentimento de simpatia a uma dada situação - além do acaso - logo, aquilo que se pode acontecer a um indivíduo, que reside o esforço da teorização de Smith e sua vontade de identificar constantes para delinear regras. Deste modo podemos ler o desejo de controlar os efeitos do acaso em seus efeitos mais nocivos, não podendo intervir diretamente nos próprios acontecimentos.

Os editores modernos, Macfie e Raphael, também enfatizam a influência do estoicismo no pensamento de Smith, que eles dizem ter sido mais perceptível nas primeiras edições, mas não estava ausente nas edições posteriores<sup>10</sup>. Esta interpretação foi contestada<sup>11</sup>. No entanto, é claro que o autodomínio (*self-command*) que Smith invoca e que não deixa de ter capacidade de simpatia, não deixa de ter uma ressonância neo-estóica. Certamente, Smith se interessa por formas de sociabilidade que pareçam romper com o ideal de autossuficiência (*self-sufficiency*) que Martha Nussbaum associa ao pensamento antigo e que ela define como o desejo de se desprender de tudo o que é mutável e contingente para escapar dos golpes do destino<sup>12</sup>, mas a simpatia em si não significa abandono da emoção. Smith procura investigar uma série de situações variadas a fim de esclarecer a justa parte da contenção e a expressão legítima do afeto. Portanto, o excesso de generosidade é uma fonte de perigo, mesmo que essa falta de medida não seja em si mesma condenável<sup>13</sup>. Por outro lado, a alegria excessiva e egoísta de quem teria ganhado na loteria deve ser controlada com mais rigor, para que o feliz vencedor não desperte aversão ou magoe os próprios amigos<sup>14</sup>.

Segundo o ideal de Smith, o senso de dever (Parte III, *Of the Sense of Duty*) conduz o homem dotado de uma mente firme a ajustar constantemente seu comportamento e reações à maneira como seus associados e a sociedade podem - elas mesmas - considerar sua situação.<sup>15</sup> Há um efeito de espelho duplo, uma vez que a reação social também resulta, como vimos, da maneira como cada indivíduo tende a simpatizar com aquele que sofre os perigos.

The man of real constancy and firmness, the wise and just man who has been thoroughly bred in the great school of self-command, in the bustle and business of the world, exposed, perhaps to the violence and injustice of faction, and to the hardships and hazards of war, maintains this control of his passive feelings upon all occasions [...] 16.

De acordo com uma concepção geralmente tradicional, a fortuna, evocada aqui pelos riscos da guerra (*hazards of war*), a agitação do mundo (*bustle and business of the world*), ou os efeitos do espírito de facção, dá a oportunidade para o homem ideal smithiano experimentar sua virtude e obter satisfação de sua capacidade de se conformar às expectativas sociais<sup>17</sup>. É esse enfoque que foi traduzido por Meardon e Ortmann em termos inspirados na teoria dos jogos, porque se trata de avaliar os benefícios de longo e curto prazo de ser virtuoso e de mostrar controle e moderação<sup>18</sup>. Cada um passa a ser seu próprio juiz, à luz do que cada um imagina ser o padrão público. Há, portanto, controle social e controle individual que moderam os efeitos do imprevisto. Por meio do efeito espelho e da busca pela aprovação pessoal e coletiva, o egoísmo e o altruísmo podem se unir até certo ponto. Não devemos esquecer

<sup>9</sup> *Ibid.* § 8, p. 11. Eu sublinho.

<sup>10</sup> *Ibid.* Introdução dos editores, p. 5

<sup>11</sup> Neven Brady Leddy, « Adam Smith's Theory of Moral Sentiments in 1759, 1790, and 1976 », *Journal of Scottish Philosophy*, 15.1, 2017, p. 65-73. Ver especialmente p. 67-69.

<sup>12</sup> Martha C. Nussbaum, *The Fragility of goodness? Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy*, Cambridge University Press, 1986, p. 3.

<sup>13</sup> *Ibid.*, chap. 4, p. 40.

<sup>14</sup> *Ibid.*, chap. 5, p. 41.

<sup>15</sup> *Ibid.*, partie III, chap. 3, p. 146.

<sup>16</sup> *Ibid.*

<sup>17</sup> Etienne de Sihouette em seu prefácio *l'Essai de l'Homme* d'Alexander Pope : « Les maux que l'homme vertueux peut essayer sont des maux et des accidens que le hasard [sic] donne à tous. ». Ver *Essai sur l'homme* traduzido do inglês para o francês. Edição revisada por tradutor, Londres, P. Dunoyer ; Amsterdam, J. F. Bernard, 1736, p. XXV.

<sup>18</sup> Meardon et Ortmann, *op. cit.*, p. 65 e 68, 70 para o cálculo dos rendimentos.

que o pensamento escocês é enervado pelo paradoxo de Mandeville<sup>19</sup>, segundo o qual os interesses privados e coletivos podem *in fine* ser satisfeitos, mesmo que a figura virtuosa do homem que controla suas emoções e suas reações seja certamente menos controversa do que os patifes (*knaves*) retratados pelo próprio Mandeville<sup>20</sup>. A ordem pode ser encontrada na desordem: é isso que emerge do conceito de "consequências não intencionais" encontrado em Smith, bem como em Adam Ferguson, David Hume, John Millar ou William Robertson<sup>21</sup>. A soma das chances, se entendermos este termo, já a vimos, como uma combinação de eventos não intencionais ou que não teriam sido decididos de forma racional, pode ser resolvida em uma espécie de design/desenho (*pattern*) que responde a um ordem que é perfeitamente descritível racionalmente<sup>22</sup>. A moralidade aqui se junta tanto à história quanto a uma forma embrionária de sociologia, na medida em que os três domínios visam descrever comportamentos coletivos sujeitos à aparente desordem de escolhas ou comportamentos individuais. Mas os comportamentos individuais não são inteiramente aberrantes no sentido de que são eles próprios regulados por uma forma de pressão coletiva: o olhar dos outros que concede sua simpatia apenas aos indivíduos experimentados pela infelicidade que procuraram responder a eles de forma adequada. Nesta configuração, podemos falar de uma ética da contingência e é dessa ética que Walter Scott se inspirou em seus romances.

La somme des hasards, si on comprend ce terme, on l'a vu, comme une combinaison d'événements non intentionnels ou qui n'auraient pas été décidés de façon rationnelle, peut se résoudre en une sorte de dessein/dessin (*pattern*) qui répond à un ordre qui est lui parfaitement descriptible rationnellement<sup>23</sup>.

#### WALTER SCOTT ET LES VICISSITUDES HISTORIQUES POUR UNE ETHIQUE DE LA CONTINGENCE<sup>24</sup>

Formado na Universidade de Edimburgo no Iluminismo escocês, Walter Scott inspira-se na moralidade smithiana, na forma como os seus personagens principais suportam as vicissitudes de uma existência no meio dos perigos da grande história. A história vivencia na maioria das vezes os jovens que, confrontados com outros indivíduos sujeitos a infortúnios, aprendem pelo espetáculo comparativo que eles oferecem, a corresponder ao ideal do homem moderado, firme e sensível ao mesmo tempo. Também em *Old Mortality*, Major Bellenden, um personagem corajoso e sensível, notável por sua humanidade quando perdeu a fortaleza da família, se opõe a John Graham de Claverhouse que sabe ser forte, mas cuja ferocidade em perseguir os Covenanters é lendária. A guerra, a de 1745, dos anos 1670 a 1680, para citar apenas alguns exemplos, a própria loucura que afeta alguns, pensamos em Lucy Ravenswood ou o Sr. Sommerville, a falência de Chrystal Croftangry, a prisão de Henry Morton ou Effie Deans<sup>25</sup> e as cobranças das diferentes facções parecem ter saído diretamente do catálogo de infortúnios imaginado por Adam Smith em *Théorie des sentiments moraux*. Como Hobbie em *The Black Dwarf*, personagens positivos que experimentam infortúnios inesperados são instados a exercer paciência e moderação: "Manfully strode Hobbie down the hill, resolved to suppress his own despair, and administer consolation which he did not feel<sup>26</sup>." O caráter social desta exigência moral individual está claramente indicado. O autor, então, propõe várias soluções que indicam tantas direções possíveis para a trama: a mãe que vê na destruição e no sequestro da Graça uma prova divina que o jovem Hobbie deve aceitar sem vingança, até que Deus o liberte, os homens que choram por vingar e colocar a região em risco de novas guerras de retaliação com a Inglaterra, e com o próprio Hobbie que busca um meio-termo entre a passividade feminina e a violência masculina em uma paciência (*consolation*) toda viril (*manfully*). A diferença entre as três proposições é essencialmente moral, pois parecem igualmente prováveis.

Graças à forma romântica, a História é tratada de vários modos distintos, até contraditórios, que implicam relações diferentes com os perigos e infortúnios que possam surgir. O desespero ou impaciência daqueles que se entregam facilmente a um destino oposto está claramente condenado: seja Darsie Latimer, em *Redgauntlet*, que seu tio sequestrou, disfarçado de menina e em quem o desânimo é sinônimo de fraqueza, ou Tavish Bean MacTavish quem, em *The Highland Widow*, matou um de seus camaradas para escapar da desgraça da sanção pública. A mãe deste último, Elspat, responsável pelos atos do filho, mostra um desespero tingido de

<sup>19</sup> Ver Craig Smith, « The Scottish Enlightenment, unintended consequences and the science of man », *Journal of Scottish Philosophy*, 7 (1), p. 11.

<sup>20</sup> Ver título completo da primeira versão da fábula das abelhas: « The Grumbling Hive, or Knaves Turn'd Honest » (1705).

<sup>21</sup> *Ibid.*, *passim*.

<sup>22</sup> Craig Smith, *op. cit.*, p. 15.

<sup>23</sup> Craig Smith, *op. cit.*, p. 15.

<sup>24</sup> Tradução nossa. Walter Scott e as vicissitudes históricas para uma ética da contingência.

<sup>25</sup> Reconheceremos personagens retirados respectivamente de *The Bride of Lammermoor*, *The Chronicles of the Canongate*, *Old Mortality* e *The Heart of Midlothian*.

<sup>26</sup> *The Black Dwarf*, capítulo VII

raiva, que a priva de qualquer simpatia possível do pastor, da vizinhança e do narrador, já que o registro das reações é mais o do terror do que da compaixão. Por outro lado, a paciência estoica do Barão Bradwardine após a derrota dos jacobitas e a destruição de seu domínio pelos hanoverianos conquistou não apenas o respeito de Waverley e do leitor, mas também a ajuda dos aldeões que o protegem e escondem.

Scott parece explorar vários caminhos e se engajar em uma reflexão filosófica sobre a origem do que está acontecendo ou sobre a justiça poética que, na narrativa, resolve ou não o desafio moral colocado pelos acontecimentos contingentes. Se uma falha de força moral agrava os infortúnios que recaem sobre os personagens, a firmeza e a virtude não são necessariamente recompensadas pela trama. O caso é raro, mas pode-se pensar nos debates em torno de Rebecca em Ivanhoe sobre se seu exílio da Inglaterra, sem o esperado casamento de reconciliação, era poética e historicamente necessária. O sacrifício da jovem confere aos seus atos uma gratuidade que, segundo Scott, a faz crescer e a torna um verdadeiro modelo.

Embora a pintura moral enfatize os indivíduos e suas reações, ela não deixa de ter ramificações políticas e sociais. De fato, aqueles que, diante dos acontecimentos, negam a parte da liberdade individual para realçar o peso de uma fatalidade desastrosa, estão associados, como o jacobita Redgauntlet a um pensamento político arcaico, o fracasso de tal modo de pensamento anuncia o fracasso do campo que o representa:

“The privilege of free action belongs to no mortal -we are tied down by the fetters of duty -our moral path is limited by the regulations of honour -our most indifferent actions are but meshes of the web of destiny by which we are all surrounded.’[....]

‘Nothing,’ he said, in an earnest yet melancholy voice- ‘nothing is the work of chance -nothing is the consequence of free-will- the liberty of which the Englishman boasts, gives as little real freedom to its owner, as the despotism of an Eastern Sultan permits to his slave. The usurper, William of Nassau, went forth to hunt, and thought, doubtless that it was by an act of his own royal pleasure that the horse of his murdered victim was prepared for his kingly sport. But Heaven had other views; and before the sun was high, a stumble. Do you think an inclination of the rein could have avoided that trifling impediment? -I tell you, it crossed his way as inevitably as the long chain of Caucasus could have done. Yes, young man, in doing and suffering, we play but the part allotted by Destiny, the manager of this strange drama, stand bound to act no more than is prescribed, to ay no more than is set down for us; and yet we mouth about free-will, and freedom of thought and action, as if Richard must not die, or Richmond conquer, exactly where the Author has decreed it shall be so!

Redgauntlet não é o único jacobita nos *Waverley Novels* a exprimir o seu fatalismo ligado aqui ao sistema político que ele defende, a saber, a monarquia absoluta por direito divino. Por outro lado, em suas observações, o livre arbítrio está associado ao mesmo tempo aos reveses da fortuna e à indeterminação das condições, conseqüências da Revolução Gloriosa que questionou a ordem dinástica e ampliada, de forma ilusória segundo ele, o campo das possibilidades. Então, por uma espécie de ironia trágica, Guillaume de Nassau, o usurpador teria morrido *in fine*, vítima do Destino, diretor supremo do teatro do mundo.

As preocupações históricas e estéticas estão, portanto, entrelaçadas nos romances e explicam a variedade de posições apresentadas por Scott. Esta diversidade, convém notar, não põe em causa a ética defendida por Scott e a procura de um meio-termo face ao imprevisível e ao infortúnio. Mas atesta a importância das referências históricas, políticas e culturais na representação do acaso. No romance medieval *Anne of Geierstein*, que apresenta a famosa Rainha Margarida da primeira tetralogia de Shakespeare, as trágicas reviravoltas da Fortuna são numerosas, começando com o exílio da rainha<sup>27</sup> e finalmente a morte de Carlos, o Imprudente (*Charles le Téméraire*), cujo corpo despojado e machucado foi encontrado pela metade - pântano congelado. O assunto e as ressonâncias culturais óbvias justificam esse retrato tradicional do rebaixamento dos grandes. Scott se junta a Shakespeare quase literalmente. Por outro lado, a formação política de *Waverley*, ou seja, o advento da dinastia de Hanover e as tentativas dos jacobitas de restabelecer os Stuarts, é acompanhada por um esquema narrativo que enfatiza os fatos imperceptíveis e fortuitos que podem influenciar uma decisão:

<sup>27</sup> “Oh, no – no!” exclaimed the dethroned Queen touched by perhaps the only tender feeling, which repeated and extraordinary misfortunes had not chilled into insensibility.” Chap. XXIV.

These offenses, however, had vanished from Sir Everard's recollection in the heat of his resentment, and had Lawyer Clippurse, for whom his groom was dispatched express, arrived but an hour earlier, he might have had the benefit of drawing a new settlement [...]. But an hour of cool reflection is a great matter, when employed in weighing the comparative evils of two measures, to neither of which we are internally partial. Lawyer Clippurse found his patron involved in great study, which he was too respectful to disturb, otherwise than by producing his paper and leathern ink-case, as prepared to minute his honour's command. Even this slight manoeuvre was embarrassing to Sir Everard, who felt it as a reproach to his indecision. He looked at the attorney with some desire to issue his fiat, when the sun, emerging from behind a cloud, poured at once its chequered light through the stained glass of the gloomy cabinet [...]. The baronet's eye, as he raised it to its splendor, fell right upon the central scutcheon [...]<sup>28</sup>

Desta vez, o tom da passagem é satírico e irônico. A decisão de Sir Everard equivale a um decreto de direito divino (*fiat*). O próprio sol é entendido como um sinal a favor da tradição de grandes figuras nobres. Ambos estão de acordo com seu *Toryism* e os fundamentos teocráticos que ele atribui à ordem aristocrática e ao poder real Stuart. No entanto, essa interpretação é prejudicada, ao mesmo tempo em que desacredita as convicções políticas desse apoio ao velho mundo. Ao enfatizar a existência de outra possível cadeia de acontecimentos por meio de um conjunto de hipóteses e, portanto, sobre seu caráter perfeitamente indiferente<sup>29</sup> (poderia ser um ou outro), o narrador sublinha a fragilidade das decisões e zomba do personagem: a chamada vontade divina passa a ser o índice de uma contingência absoluta<sup>30</sup>. Ao associar *Waverley* e seus próximos com relutância, Scott reduz sua capacidade de tomar decisões racionais: o jovem *Waverley*, em particular, deve experimentar outra mobilização possível, neste caso os Stuarts, antes dele. Entenda diante do espetáculo da guerra e dos infortúnios da derrota que este caminho constitui um beco sem saída e não está do lado do poder hanoveriano e na opinião do moderado Talbot.

Essas representações de perigos na forma de uma Fortuna próxima ao destino ou destino dos mais velhos, ou de uma contingência absoluta, na maioria das vezes infeliz, respondem, portanto, a restrições estéticas e não apenas éticas. Na verdade, como *Waverley*, o esquema cômico do casamento é a continuação natural de um itinerário romântico e histórico feito de pequenas coisas, combinações de circunstâncias fortuitas, encontros e acasos que pioram as coisas, com a condição de que todos procurem agir da melhor maneira e saibam como entender o que acontece. Mas esse padrão se choca com outra veia mais trágica atraída para o leitor pelo fracasso conhecido do levante de 1745 e a execução resultante dos líderes jacobitas. A evocação de profecias ou aparições sobrenaturais reforça a impressão de uma condenação que leva o jacobita Fergus MacIvor e seus homens à condenação. Essa mistura não deixa de causar problemas, pois o tom sério se presta mal ao fortuito, como sublinhou a crítica ao poema épico *Marmion* que Scott havia escrito em 1806<sup>31</sup>.

Além dos problemas estéticos e morais enfrentados por Scott, qual seria o efeito da Fortuna ou do Fortuito sobre o outro componente do romance histórico - a própria História -, sabendo que são os tempos de infortúnio que a memória coletiva mais retém? Pois invocar um como o outro tem a particularidade de esvaziar a explicação, seja pela arbitrariedade de "era assim e não de outra forma", seja por um ato de renúncia diante de uma complexidade insondável. No entanto, como aponta a história do artigo da *l'Encyclopaedia Britannica* de 1798, foi o modelo polibiano, explicativo que prevaleceu na virada do século XIX:

<sup>28</sup> *Waverley*, p. 8.

<sup>29</sup> Lembremos que na escolástica, esta indiferença é umas das primeiras marcas do acaso. Ver artigo em *Zufall*, in *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, éd. Joachim Ritter, Karlfried Gründer, Basel, Stuttgart, Schwabe & Co. AG. Verlag, Band 12, 1413 b.

<sup>30</sup> Ver Kim Sterelny, « Contingency and History », *Philosophy of Science*, 83, oct. 2016, p. 522 : « Causal and counterfactual analyses are intimately connected, so there should be circumstances in which scenario-building is serious thing. One answer is that historical trajectories are often contingent. They are fragile, because they are affected by events and background conditions too small to detect and measure or because they are unpredictable through influences from outside the system and through fiendishly complex interactions within the system. » Parece-me que a análise de Scott das decisões de Sir Everard se encaixa perfeitamente nessa descrição da contingência.

<sup>31</sup> ver relato crítico que Francis Jeffrey fez referência anônima do poema: "In the third place, we object to the *extreme and monstrous improbabilities of almost all the incidents* which go to the composition of this fable. We know very well, that poetry does not describe what is ordinary; but the marvellous, in which it is privileged to indulge, is the *marvellous of performance, and not of accident*. One extraordinary rencontre or opportune coincidence may be permitted, perhaps, to bring the parties together, and wind up matters for the catastrophe; but a writer who gets through the whole business of his poem, by a series of *lucky hits and incalculable chances*, certainly manages matters in a very economical way for his judgment and invention, and will probably be found to have consulted his own ease, rather than the delight of his readers. Now, the whole story of *Marmion* seems to us to turn on a tissue of *such incredible accidents*. In the first place, it was totally beyond all calculation, that Marmion and De Wilson should meet, *by pure chance*, at Norham [...]." Eu sublinho.

History, in general, signifies an account of some remarkable facts, which have happened in the world, arranged in the true order in which they actually took place, together with the causes to which they were owing, and the different effects they have produced, as far as can be discovered<sup>32</sup>.

O artigo enfatiza a função explicativa da História (*with the causes to which they were owing*), bem como o respeito por uma ordem cronológica. Os fatos, que devem ser lembrados, fixados e ordenados, devem entrar em uma cadeia de causas e consequências (*the different effects they have produced*). A restrição (*as far as can be discovered*) é interessante porque sugere que esta cadeia se apresente incompleta. O romance, que coloca em primeiro plano quem faz a História antes de quem pretende agir na História, joga com essa mesma incompletude e com os limites daquilo que pode ser explicado.

Embora Scott regularmente mencione a existência de uma Providência, ela escapa em grande parte dos humanos. Seus únicos guias para lidar com a contingência são seu senso de moderação, seu senso ético baseado na simpatia e na moderação e, finalmente, sua confiança em um sentido providencial, mesmo que não o percebam plenamente. Nesse sentido, Scott não é apenas o herdeiro dos filósofos iluministas escoceses, ele é também o herdeiro de Alexander Pope e seu *Essay on Man* e a maneira cujo o poeta procurou explicar o Mal e de torná-lo compatível com uma visão de mundo dominado por um grande organizador profundamente benevolente. A Paciência e a firmeza na infelicidade não devem ser confundidas com indiferença, mas devem ser entendidas tanto como uma forma de confiança na benevolência divina, quanto como um comportamento profundamente social. Na verdade, se todos quiserem se beneficiar da simpatia dos outros, deve-se manter uma medida justa que lhe garanta a aprovação de todos, ao mesmo tempo que o fará ser capaz de agir da melhor forma, sejam quais forem as circunstâncias.

---

<sup>32</sup> *Encyclopaedia Britannica; or, a dictionary of arts, sciences, and miscellaneous literature on a plan entirely new*, Dublin, 3<sup>rd</sup> edition, 1790-98, vol. 8, p. 560.